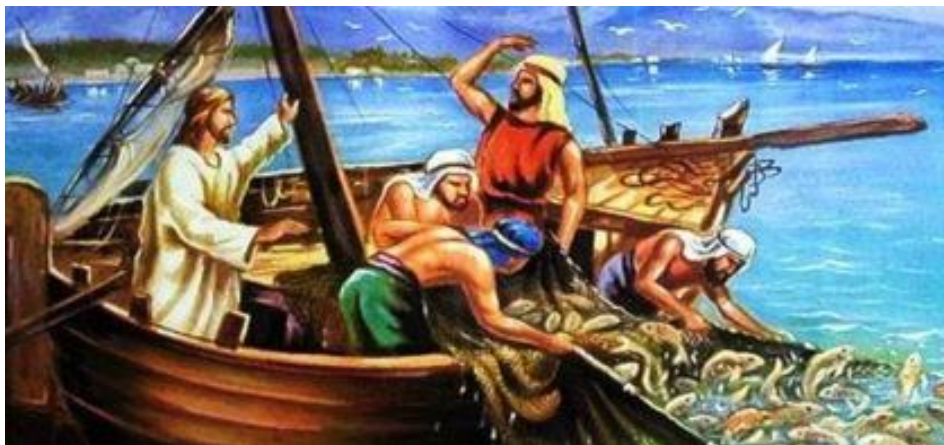


## Domingo V do Tempo Comum - Ano C – 09 fevereiro 2025

<sup>6</sup>Assim fizeram e apanharam uma grande quantidade de peixe. As redes estavam a romper-se,<sup>7</sup>e eles fizeram sinal aos companheiros que estavam no outro barco, para que os viessem ajudar. Vieram e encheram os dois barcos, a ponto de se irem afundando. <sup>8</sup>Ao ver isto, Simão caiu aos pés de Jesus, dizendo: «Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador.» <sup>9</sup>Ele e todos os que com ele estavam encheram-se de espanto por causa da pesca que tinham feito; o mesmo acontecera <sup>10</sup>a Tiago e a João, filhos de Zebedeu e companheiros de Simão. Jesus disse a Simão: «Não tenhas receio; de futuro, serás pescador de homens.» <sup>11</sup>E, depois de terem reconduzido os barcos para terra, deixaram tudo e seguiram Jesus. **Lc 5, 6-11**



### Viver a Palavra

São muitos os que acompanham Jesus e vêm ao Seu encontro e, com toda a certeza, levados pelas mais diversas motivações. A fama de Jesus facilmente se difundia mesmo na ausência das redes sociais e dos mais sofisticados meios de comunicação social. Ao longe e ao largo se iam difundindo os Seus milagres, as Suas palavras cheias de autoridade, o amor dito em gestos concretos que fazia de cada encontro um lugar transformador.

Muitos vão ao encontro de Jesus levados pela curiosidade, para ver, com os seus próprios olhos, os milagres e prodígios que realiza. Outros para escutar as palavras cheias de autoridade que saem dos Seus lábios. Muitos, com certeza, motivados pela esperança de serem curados das suas doenças e sofrimentos. Tantos outros, procurando um sentido para a Sua vida. São diferentes as motivações que fazem aquela multidão aglomerar-se em torno de Jesus. Contudo, hoje, somos nós, os que nos reunimos com Jesus. Dois mil anos depois, como as multidões de outrora, vamos ao Seu encontro. Mas, porque nos queremos encontrar com Jesus? Vamos ao Seu encontro levados pela curiosidade ou para acolher a Sua Palavra e nos deixarmos interpelar pelo Seu amor?

Aqueles que se encontram de verdade com Jesus e se deixam moldar pela Sua Palavra transformam de verdade as suas vidas: as noites mais sombrias e estéreis tornam-se manhãs luminosas e cheias da alegria abundante que nasce do encontro com Ele. Assim aconteceu com Pedro, que tendo andado na pesca toda à noite não tinha pescado nada. Porém, Jesus convida-o a lançar as redes: «*Faz-te ao largo e lança as redes para a pesca*». Pedro, mesmo sabendo do insucesso daquela noite, ousa lançar as redes, acolhendo o desafio de Jesus e, assim, foi surpreendido pela abundância do peixe que parecia romper a rede. Na verdade, quando a nossa fragilidade e pequenez se abrem à misericórdia e à bondade de Deus, acolhendo os seus desafios, a nossa vida torna-se um lugar fecundo. O nosso pouco com Deus pode tornar-se muito, mas, ao invés, o nosso muito sem Deus serve para muito pouco. Por isso, Pedro, diante desta pesca abundante, sente-se indigno de estar na presença de Jesus: «*Senhor, afasta-Te de mim, que sou um homem pecador*». Este sentimento de fragilidade, pequenez e indignidade está já presente na primeira leitura, quando Isaías contemplando a glória de Deus afirma: «*Ai de mim, que estou perdido, porque sou um homem de lábios impuros, moro no meio de um povo de lábios impuros*». Com Jesus, a nossa frágil humanidade não é um obstáculo à graça de Deus, mas o lugar privilegiado onde ela atua para manifestar a obra divina. Por isso, também Paulo, o Apóstolo das Gentes, apesar de sentir como «*abortivo*» e o menor dos apóstolos, afirma desassombadamente: «*Pela graça de Deus sou aquilo que sou, e a graça que Ele me deu não foi inútil*».

Com Jesus aprendemos que o medo deve dar lugar à confiança – «*Não temas!*» – pois o maior milagre não é a pesca abundante, mas Jesus que não se deixa intimidar pelas nossas desilusões, fragilidades ou pecados e nos confia uma missão: «*daqui em diante serás pescador de homens*». O olhar que Jesus nos dirige vê para lá das aparências e debilidades e abre-nos a porta da esperança, porque, na semente lançada no nosso coração, Jesus consegue ver a árvore que pode nascer e florir com a Sua graça. **in Voz Portucalense**

+++++

No dia **11 de fevereiro**, memória de Nossa Senhora de Lourdes, celebra-se o **Dia Mundial do Doente. É já o XXXIII Dia Mundial do Doente.** Este dia é uma oportunidade para as comunidades para uma celebração

ou algum momento de convívio com os doentes da comunidade, ou qualquer outro gesto de proximidade com quantos se encontram numa situação de fragilidade. Inspirados nas palavras do Papa Francisco será importante sensibilizar os fiéis para uma renovada cultura do cuidado: «o primeiro cuidado de que necessitamos na doença é uma proximidade cheia de compaixão e ternura. Por isso, cuidar do doente significa, antes de mais nada, cuidar das suas relações, de todas as suas relações: com Deus, com os outros – familiares, amigos, profissionais de saúde –, com a criação, consigo mesmo». **(da Mensagem do Papa Francisco para este dia – ver Mensagem em anexo)**

+++++

Já no **Tempo Comum**, continuamos um novo Ano Litúrgico – Ano C - onde seremos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 -, acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

**Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas.** Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos –Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://parquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

### **LEITURA I – Isaías 6,1-2a.3-8**

**No ano em que morreu Ozias, rei de Judá,  
vi o Senhor, sentado num trono alto e sublime;  
a fímbria do seu manto enchia o templo.**

**À sua volta estavam serafins de pé,  
que tinham seis asas cada um  
e clamavam alternadamente, dizendo:**

**«Santo, santo, santo é o Senhor do Universo.**

**A sua glória enche toda a terra!»**

**Com estes brados as portas oscilavam nos seus gonzos  
e o templo enchia-se de fumo.**

**Então exclamei:**

**«Ai de mim, que estou perdido,  
porque sou um homem de lábios impuros,  
moro no meio de um povo de lábios impuros  
e os meus olhos viram o Rei, Senhor do Universo».**

**Um dos serafins voou ao meu encontro,  
tendo na mão um carvão ardente  
que tirara do altar com uma tenaz.**

**Tocou-me com ele na boca e disse-me:**

**«Isto tocou os teus lábios:  
desapareceu o teu pecado, foi perdoada a tua culpa».**

**Ouvi então a voz do Senhor, que dizia:**

**«Quem enviarei? Quem irá por nós?»**

**Eu respondi:**

**«Eis-me aqui: podeis enviar-me».**

### **CONTEXTO**

O profeta Isaías (autor dos capt. 1-39 do Livro de Isaías) nasceu por volta do ano 760 a. C., no tempo do rei Ozias. De origem nobre, parece ter vivido em Jerusalém: demonstra uma cultura que dificilmente poderia ter conseguido fora do ambiente sofisticado da capital.

Isaías sentiu-se chamado por Deus à vocação profética quando tinha cerca de vinte anos (de acordo com Is 6,1, “no ano da morte do rei Ozias”, isto é, por volta de 740-739 a.C.). Sabemos também que casou e teve filhos. Desconhecemos o nome da esposa, conhecida somente como “a profetiza” (Is 8,3). Quanto aos filhos, receberam nomes simbólicos: Sear Yasub (“um resto voltará” - Is 7,3) e Maher Salal Hash Baz (“toma despojos, apanha velozmente a presa” - Is 8,3). Neste pormenor, Isaías identifica-se com o profeta Oseias: toda a sua existência, inclusive no âmbito familiar, está ao serviço da mensagem que Deus lhe confia.

O carácter de Isaías pode conhecer-se suficientemente através da sua obra. É um homem decidido, sem falsa modéstia, que se oferece voluntariamente a Deus no momento do seu chamamento vocacional.

Seguramente, faz parte dos notáveis do país: participa nas decisões relativas ao Reino, falando com autoridade aos altos funcionários (cf. Is 22,15) e mesmo aos reis (Is 7,10). É enérgico e nunca se deixa desanimar. É inimigo da anarquia (cf. Is 3,1-9); mas isso não significa que apoie as classes altas. Na verdade, os seus maiores ataques são dirigidos aos grupos dominantes: autoridades, juizes, latifundiários, políticos. É duro e irónico com as mulheres da classe alta de Jerusalém (cf. Is 3,16-24; 32,9-14). Defende com paixão os oprimidos, os órfãos, as viúvas (cf. Is 1,17), o povo explorado e desencaminhado pelos governantes (cf. Is 3,12-15).

Os últimos oráculos de Isaías são de 701 ou, talvez, de 689 a. C., alturas em que o rei assírio Senaquerib invadiu Judá e pôs cerco a Jerusalém. Isaías deve ter morrido poucos anos depois, embora não saibamos ao certo quando. Um apócrifo judeu do séc. I d. C. – “Ascensão de Isaías” – afirma que foi assassinado pelo rei ímpio Manassés.

O texto que a liturgia deste quinto domingo comum nos propõe como primeira leitura narra o momento em que Deus chama Isaías à vocação profética. O cenário é o templo de Jerusalém, construído por Salomão no séc. X a.C., o lugar onde Deus residia no meio do seu Povo e onde o Povo ia encontrar-se com Deus. No texto que nos é proposto, esse relato não está completo. Mas, de acordo com o relato original, essa experiência vocacional resume-se a quatro pontos: a consciência da santidade de Deus; a constatação de que a vida de Judá é marcada pelo pecado (pessoal e coletivo); o reconhecimento da necessidade de um castigo; e, no final de tudo, a afirmação da esperança na salvação de Deus. Estes quatro temas, unidos às tradições sobre Jerusalém e sobre a dinastia davídica, estarão sempre presentes na pregação do profeta Isaías. *in Dehonianos*

### **INTERPELAÇÕES**

- Deus, para concretizar o seu plano de salvação, conta com todos os seus filhos e filhas. Cada um de nós tem o seu lugar e o seu papel no projeto que Ele tem para o mundo e para os homens. É Deus que, de acordo com critérios que só Ele conhece e define, escolhe quem quer, chama quem quer e envia quem quer. A nossa “história de vocação” é a história de como Deus vem ao nosso encontro, entra na nossa vida, desafia-nos para a missão, pede uma resposta à proposta que nos faz. Temos consciência de que Deus nos chama, às vezes de formas bem banais, para o seu serviço? Estamos atentos aos sinais que Ele semeia na nossa vida e através dos quais nos diz, a cada momento, o que quer de nós? Estamos disponíveis para responder com generosidade aos desafios que Deus nos lança, mesmo quando eles vão contra os nossos projetos pessoais ou contra os nossos interesses particulares?
- O “chamamento” de Isaías acontece quando ele está no templo de Jerusalém, presumivelmente em oração. Os grandes “vocacionados” que a Bíblia nos apresenta são sempre pessoas que cultivam a intimidade com Deus e que buscam o diálogo com Deus. É nesse diálogo que se apercebem do projeto de Deus e do papel que Deus lhes reserva nesse projeto; é nesse diálogo que aprendem a escutar Deus e as propostas que Ele faz; é nesse diálogo que apresentam a Deus as suas inquietações, dúvidas e incertezas e descobrem as respostas e “soluções” de Deus para as questões que a vida traz... Os que “conversam” com Deus saem dessas “conversas” mais enamorados de Deus, mais conscientes do que Deus quer, mais preparados para aceitar a vontade de Deus e para lhe dizer “sim”. Procuramos aproximar-nos de Deus e cultivar a intimidade com Ele? No meio da agitação e das preocupações que enchem a nossa vida de todos os dias, arranjamos tempo para escutar Deus, para falar com Ele, para discernir os seus caminhos?
- Isaías é um homem plenamente consciente dos seus limites, da sua debilidade e da sua indignidade. Descobre, no entanto, que Deus quer contar com ele, apesar de tudo isso. Deus, desde sempre, escolheu instrumentos frágeis e “improváveis” para intervir no mundo e para oferecer aos seus filhos a sua proposta de salvação. Aliás, é na fraqueza e na fragilidade que se manifestam a grandeza, a força e a santidade de Deus. Se Deus nos pede um serviço, dar-nos-á também a força para superarmos os nossos limites e para fazermos o que Ele nos pede. A consciência da nossa pequenez e fragilidade alguma vez nos impediu de aceitarmos a missão que Deus tinha para nós? Mais: alguma vez usamos o pretexto da nossa indignidade para permanecermos comodamente à margem das tarefas que Deus queria confiar-nos?
- No relato da vocação de Isaías impressiona o facto de ele, ainda antes de saber em concreto a missão que Deus lhe ia confiar, se ter disponibilizado sem condições: “eis-me aqui, podeis enviá-me!”. A resposta que Isaías dá a Deus é a resposta de quem está disposto a arriscar tudo, a oferecer toda a sua vida para o serviço de Deus; é a resposta de quem dá tudo a Deus, sem cálculos nem condições; é a resposta de alguém para quem Deus é o centro e a prioridade máxima. É desta forma – total, absoluta, incondicional, “limpa” – que nós nos damos a Deus e nos disponibilizamos para o serviço de Deus? *in Dehonianos*.

### **SALMO RESPONSORIAL – Salmo 137 (138)**

**Refrão: Na presença dos Anjos, eu Vos louvarei, Senhor.**

De todo o coração, Senhor, eu Vos dou graças,  
porque ouvistes as palavras da minha boca.  
Na presença dos Anjos Vos hei de cantar  
e Vos adorarei, voltado para o vosso templo santo.  
Hei de louvar o vosso nome pela vossa bondade e fidelidade,  
porque exaltastes acima de tudo o vosso nome e a vossa promessa.  
Quando Vos invoquei, me respondestes,  
aumentastes a fortaleza da minha alma.  
Todos os reis da terra Vos hão de louvar, Senhor,  
quando ouvirem as palavras da vossa boca.  
Celebrarão os caminhos do Senhor,  
porque é grande a glória do Senhor.  
A vossa mão direita me salvará,  
o Senhor completará o que em meu auxílio começou.  
Senhor, a vossa bondade é eterna,  
não abandoneis a obra das vossas mãos.

#### **LEITURA II – 1 Coríntios 15,1-11**

Recordo-vos, irmãos, o Evangelho  
que vos anunciei e que recebestes,  
no qual permaneceis e pelo qual sereis salvos,  
se o conservais como eu vo-lo anunciei;  
aliás teríeis abraçado a fé em vão.  
Transmiti-vos em primeiro lugar o que eu mesmo recebi:  
Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras;  
foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras,  
e apareceu a Pedro e depois aos Doze.  
Em seguida apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez,  
dos quais a maior parte ainda vive,  
enquanto alguns já faleceram.  
Posteriormente apareceu a Tiago e depois a todos os Apóstolos.  
Em último lugar, apareceu-me também a mim,  
como o abortivo.  
Porque eu sou o menor dos Apóstolos  
e não sou digno de ser chamado Apóstolo,  
por ter perseguido a Igreja de Deus.  
Mas pela graça de Deus sou aquilo que sou  
e a graça que Ele me deu não foi inútil.  
Pelo contrário, tenho trabalhado mais que todos eles,  
não eu, mas a graça de Deus, que está comigo.  
Por conseguinte, tanto eu como eles,  
é assim que pregamos;  
e foi assim que vós acreditastes.

#### **CONTEXTO**

Corinto, cidade cosmopolita situada na região do Peloponeso, era, no séc. I, um dos grandes expoentes da cultura grega. Paulo passou lá durante a sua segunda viagem missionária; do seu anúncio nasceu uma comunidade cristã viva e interessada, mas que mergulhava as suas raízes no terreno inquinado de uma cultura que estava distante da proposta cristã. Os valores culturais gregos – que os coríntios cultivavam com orgulho – vão constituir um contraponto aos valores do Evangelho que Paulo anunciava. O choque entre essas duas realidades está particularmente evidente em algumas das temáticas que Paulo julgou útil tratar na primeira carta aos coríntios, escrita em Éfeso durante a terceira viagem missionária do apóstolo.

Uma das questões que trazia algumas dificuldades aos cristãos de Corinto era a questão da ressurreição. A ressurreição dos mortos era relativamente bem aceite no judaísmo em geral (embora os saduceus, um grupo elitista constituído fundamentalmente por membros das famílias sacerdotais, não partilhassem dessa crença), habituado a ver o ser humano na sua unidade; mas constituía um problema sério para a mentalidade grega. A cultura grega, fortemente influenciada por filosofias dualistas (como a filosofia de Platão, por esta altura muito em voga) que viam no corpo uma realidade negativa e na alma uma realidade ideal e nobre, recusava-se a aceitar a ressurreição do homem integral. Como poderia o corpo – essa realidade material, carnal, sensual, que aprisionava a alma e a impedia de subir ao mundo ideal, ao mundo luminoso dos espíritos – seguir a alma?

Portanto, alguns cristãos de Corinto diziam que “não há ressurreição dos mortos” (1Cor 15,12). Outros faziam perguntas (“como ressuscitam os mortos?”; “com que corpo os mortos regressam à vida?”) que Paulo considera “insensatas” (cf. 1Cor 15,35). O apóstolo decide abordar esta questão para esclarecer uns e outros e ajudar todos os membros da comunidade a purificar a sua fé. *in Dehonianos*.

## **INTERPELAÇÕES**

- Para nós, cristãos, a ressurreição de Jesus não é apenas uma verdade que professamos quando dizemos o credo, mas é uma certeza que ilumina a nossa vida e imprime um sentido novo à história dos nossos dias. Nós, discípulos de Jesus, não vivemos da memória de um “morto” que a história conheceu, digeriu e arrumou na galeria das figuras notáveis cobertas pelo pó dos tempos, mas caminhamos atrás de alguém que está vivo, que continua a encontrar-se connosco, a caminhar ao nosso lado, a alimentar-nos com a sua Palavra e com o seu Pão, a apontar-nos o caminho que conduz à vida. Como é que sentimos a ressurreição de Jesus? Experimentamos a presença de Jesus, sentimos que o seu Espírito nos anima e conduz enquanto viajamos pela vida? O facto de Jesus ter vencido a morte muda a nossa perspetiva da vida?
- A vitória de Jesus sobre a morte, a injustiça, a mentira, a maldade, traz à nossa vida um suplemento de coragem e de esperança. Garante-nos que não há morte para quem aceita fazer da sua vida uma luta pela justiça, pela verdade, pelo projeto de Deus. Fornece-nos as armas de que precisamos para vencer o medo e fortalece-nos na decisão de lutar pela instauração do Reino de Deus. Foi isso que os apóstolos perceberam quando se encontraram com Jesus ressuscitado. A certeza da ressurreição encoraja-nos a lutar, sem a paralisia que vem do medo, por um mundo mais justo, mais fraterno, mais humano?
- Paulo acredita que os seguidores de Jesus podem descobri-lo, vivo e ressuscitado, a partir da escuta da Palavra de Deus e do testemunho da comunidade cristã. Quando nos reunimos à volta da mesa da eucaristia, no “dia do Senhor”, com outros nossos irmãos na fé, sentimos que Jesus está vivo no meio de nós? A eucaristia é, para nós, um momento privilegiado de encontro com Jesus ressuscitado? *in Dehonianos*.

## **EVANGELHO – Lucas 5,1-11**

**Naquele tempo,  
estava a multidão aglomerada em volta de Jesus,  
para ouvir a palavra de Deus.  
Ele encontrava-Se na margem do lago de Genesaré  
e viu dois barcos estacionados no lago.  
Os pescadores tinham deixado os barcos  
e estavam a lavar as redes.  
Jesus subiu para um barco, que era de Simão,  
e pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra.  
Depois sentou-Se  
e do barco pôs-Se a ensinar a multidão.  
Quando acabou de falar, disse a Simão:  
«Faz-te ao largo  
e lançaí as redes para a pesca».  
Respondeu-Lhe Simão:  
«Mestre, andámos na faina toda a noite  
e não apanhámos nada.  
Mas, já que o dizes, lançarei as redes».  
Eles assim fizeram  
e apanharam tão grande quantidade de peixes  
que as redes começavam a romper-se.  
Fizeram sinal aos companheiros que estavam no outro barco  
para os virem ajudar;  
eles vieram e encheram ambos os barcos  
de tal modo que quase se afundavam.  
Ao ver o sucedido,  
Simão Pedro lançou-se aos pés de Jesus e disse-Lhe:  
«Senhor, afasta-Te de mim, que sou um homem pecador».  
Na verdade, o temor tinha-se apoderado dele  
e de todos os seus companheiros,  
por causa da pesca realizada.**

**Isto mesmo sucedeu a Tiago e a João, filhos de Zebedeu, que eram companheiros de Simão.**

**Jesus disse a Simão:**

**«Não temas.**

**Daqui em diante serás pescador de homens».**

**Tendo conduzido os barcos para terra, eles deixaram tudo e seguiram Jesus.**

## **CONTEXTO**

No início do Evangelho que a liturgia hoje nos apresenta, Jesus encontra-se nas margens do Mar da Galileia, rodeado por uma grande multidão que viera “para escutar a palavra de Deus” (Lc 5,1). Esse “mar” – também chamado “lago de Tiberíades” ou “lago de Kineret” – é um lago com cerca de 11 quilómetros de largura e 21 quilómetros de comprimento máximo. Era um lago de água doce, rico em peixe. Muitos dos que habitavam nas suas margens viviam da pesca. O rio Jordão era a principal fonte de alimentação desse lago.

Nas margens do Mar da Galileia situavam-se diversas cidades, como Tiberíades ou Cafarnaum. Cafarnaum era a cidade onde Pedro e o seu irmão André residiam. Era uma cidade estratégica, pois estava ao lado da “Via Maris” (“estrada do Mar”), uma importante via de comunicação que ligava o Egito à Síria e ao Líbano e que passava por Cesareia Marítima (o local onde residia habitualmente o prefeito romano da Judeia). Jesus, depois de ter estado algum tempo com João Batista no deserto de Judá, estabelecera-se em Cafarnaum.

De acordo com o esquema teológico de Lucas, Jesus tinha começado há pouco o seu ministério na Galileia (cf. Lc 4,14-15). Na sinagoga de Nazaré apresentara o seu “programa”: anunciar a “Boa Notícia” aos pobres, libertar os cativos, iluminar os caminhos de quem vivia na escuridão, proclamar a chegada de um tempo novo de graça e de paz (cf. Lc 4,16-21); e logo depois, na sinagoga de Cafarnaum deixara toda a gente maravilhada com o seu ensino e os seus gestos poderosos (cf. Lc 4,31-37).

Até agora, Jesus tinha estado sozinho na tarefa de anunciar o Reino de Deus. Na secção que começa neste capítulo e que vai até 6,16, Jesus começa a rodear-se de discípulos. Algumas pessoas respondem ao seu anúncio e aceitam colaborar com Jesus na missão que o Pai lhe confiou. *in Dehonianos*

## **INTERPELAÇÕES**

- O “barco de Simão Pedro”, de onde Jesus proclama a Boa Notícia do Reino de Deus, é uma bela e sugestiva imagem da comunidade cristã. Muitos homens e mulheres que estão “na margem” da vida e da história, olham para o “barco de Simão Pedro” e aguardam ansiosamente as palavras de Jesus. Não veem outra saída, não vislumbram outra esperança. A comunidade cristã é, neste agitado séc. XXI, o espaço privilegiado onde a voz de Jesus ecoa no mundo para consolar, para animar, para curar, para apontar caminhos, para dar vida? No meio do rugido das tempestades que o mundo enfrenta, fazemos tudo o que podemos para tornar perceptível, para os nossos irmãos e irmãs que esperam “nas margens”, a voz de Jesus? As palavras que dizemos aos homens e mulheres que anseiam por uma vida mais humana, são as palavras de Jesus? O “barco de Simão Pedro” em que viajamos com Jesus está pintado com as cores da misericórdia, da solicitude, da compreensão, do acolhimento, do perdão, da bondade, da ternura de Deus? O “barco de Simão Pedro” cumpre o seu papel de levar a todos os homens e mulheres o testemunho de Jesus?
- Olhemos agora para o interior do “barco de Simão Pedro”, onde viajamos nós, os que fazemos parte da comunidade de Jesus... O que andamos a fazer? Como trabalhamos? O nosso trabalho está a dar resultado? Quando desenhamos os nossos projetos pastorais e elaboramos os nossos organogramas paroquiais, temos em conta as orientações que Jesus nos oferece, ou fazemos as coisas de acordo com os nossos critérios pessoais e as nossas visões estreitas? Acolhemos as propostas de Jesus, mesmo quando elas nos parecem ilógicas, irracionais, pouco modernas, à luz da nossa compreensão das coisas ou dos valores rasteiros dos fazedores de opinião que ditam a moda? Gastamos mais tempo nas nossas reuniões de programação e nas nossas discussões estéreis, ou a escutar o Evangelho que Jesus nos propõe? Confiamos plenamente em Jesus e na sua Palavra?
- Simão Pedro, depois de ver o extraordinário resultado da “pesca”, lançou-se aos pés de Jesus e chamou-lhe “Kyrios”, “Senhor”. Reconheceu em Jesus aquele que pode tudo, aquele que é capaz de dar sentido a tudo o que fazemos e vivemos. O “credo” de Simão Pedro mostra que ele decidiu confiar plenamente em Jesus e entregar toda a sua vida nas mãos de Jesus. Jesus tornou-se a sua referência, o seu “Senhor”, o centro à volta do qual Simão Pedro decidiu construir toda a sua existência, aquele em quem Simão Pedro decidiu apostar todas as fichas que tinha para jogar... Para nós, Jesus também é o “Kyrios”? Reconhecemos, de facto, que Jesus é o “Senhor” que preside à nossa história e à nossa vida? Ele é o centro à volta do qual articulamos a nossa existência e os nossos passos, ou deixamos que outros “senhores” nos manipulem e controlem?

- Jesus convida Simão Pedro a tornar-se “pescador de homens”. O convite, no entanto, não será apenas para Simão Pedro; deve estender-se a todos aqueles que vão naquele barco. Simão Pedro e os seus companheiros têm como missão salvar todos os homens e mulheres que vivem mergulhados no desespero, no medo, na opressão, na morte. A missão a que Simão Pedro e os seus companheiros são chamados é a mesma de Jesus: curar as feridas, libertar das cadeias, iluminar o caminho dos que vivem nas trevas, levar vida e esperança a todos os homens e mulheres. Temos consciência de que esta é a nossa missão? Como a vivemos? Os homens e mulheres com quem nos cruzamos a cada instante descobrem, nas nossas palavras e nos nossos gestos, essa vida nova que Jesus veio oferecer a todos? Os homens e mulheres que a sociedade atira para “as margens” e abandona à sua sorte, os que vivem afogados na solidão, os que ninguém quer e ninguém ama, as vítimas de todas as guerras e de todas as opressões, encontram em nós o gesto fraterno que os tira do fundo do mar e que lhes devolve a esperança?
- Aqueles pescadores do Mar da Galileia, depois de terem levado “os barcos para terra, deixaram tudo e seguiram Jesus”. De repente, tudo aquilo em que tinham construído até ali tornou-se irrelevante diante de um projeto muito mais aliciante: colaborar com Jesus na libertação do mundo e dos homens. Deixaram tudo; passaram a viver para o Reino de Deus e foram atrás de Jesus. O seguimento de Jesus passou a ser a verdade fundamental das suas vidas. Como é o nosso seguimento de Jesus? A nossa entrega ao projeto de Jesus é total, ou parcial e calculada? Deixamos tudo na praia para seguir Jesus, porque o seu projeto se tornou a prioridade da nossa vida? *in Dehonianos*

#### **Para os leitores:**

A **primeira leitura** apresenta uma alternância entre as descrições da visão de Isaías e o discurso direto presente no texto. Por isso, o leitor deve ter um especial cuidado quer no tom empregue durante as descrições, quer no discurso direto que apresenta inclusive as aclamações dos Serafins.

A **segunda leitura**, tal como nos acostumamos no epistolário paulino, apresenta longas frases com diversas orações. Deste modo, a leitura requer uma boa preparação nas pausas a fazer, na articulação das diversas orações, para que a mensagem seja claramente compreendida.

**I Leitura: (ver anexo)**

**II Leitura: (ver anexo)**